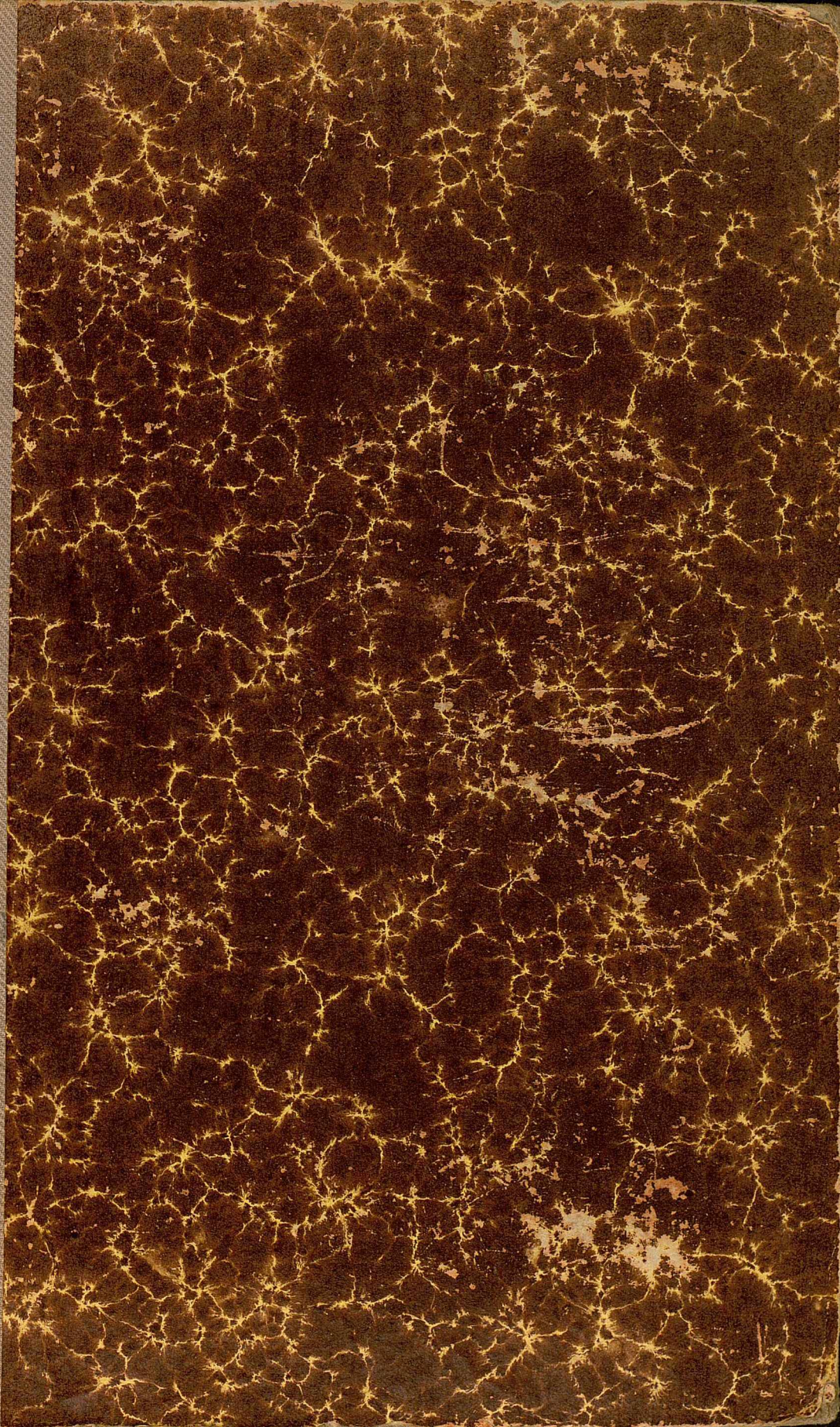
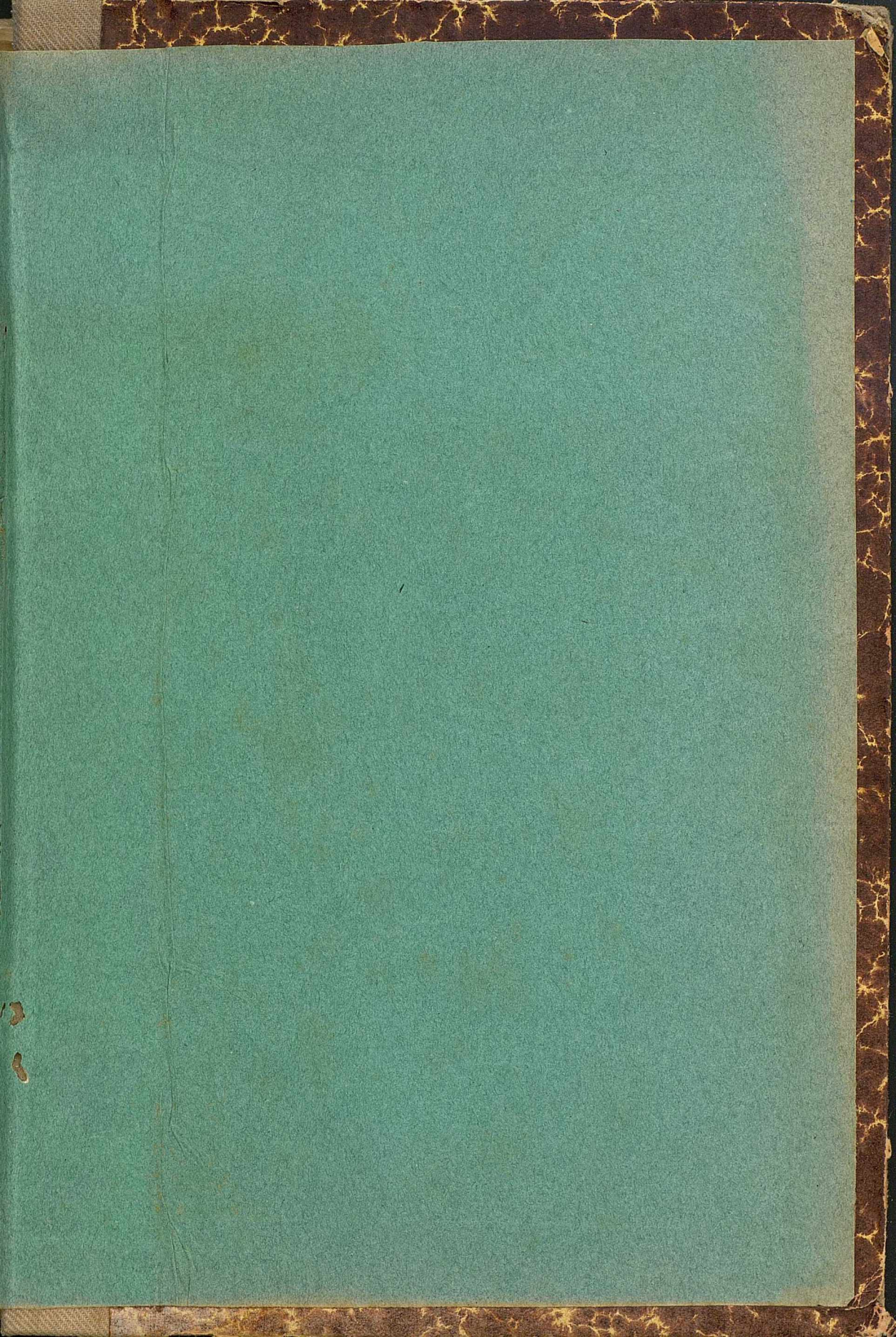


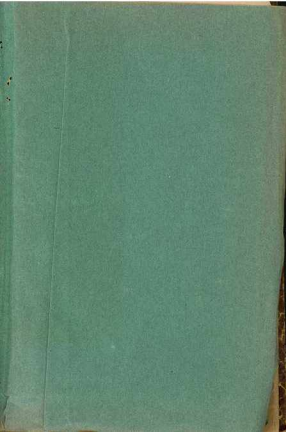
EVORA

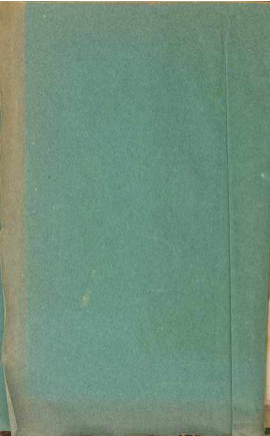
ECCLIANEA

1875
1876









B
6.785

CARTA JOCO-SERIA

A SEU PERFEITO AMIGO

O SENHOR DOUTOR RODRIGO VELLOSO

ADVOGADO E TABELLIÃO

EM

LISBOA

DE

A. F. B.

N.º 5.946

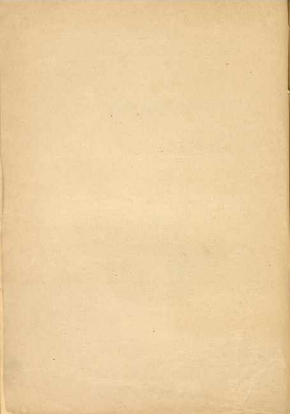


EVORA

Minerva Commercial

1901





CARTA JOCO-SERIA

AO SEU PERFEITO AMIGO

O SENHOR DOUTOR RODRIGO VELLOSO

De nossa vida a media, meu amigo,
De ha muito a meta ultrapassamos ambos;¹
Da natureza por favor vivemos:
É, pois, uma verdade irrefutavel.

Conversemos agora sobre o estado
Em que, naturalmente, nos achamos:

«Não fazem mal as musas aos Doutores,²
Por isso em versos meus reparos faço,
Sem ao espelho me ver.

Na cabeça
Onde lisos e louros 'noutro tempo,
Raros cabellos encrespados crescem
Como ouço dizer, grisalhos, brancos.
É como o *campus ubi Troja fuit*.³

(1) Trinta e seis annos.

(2) Antonio Ferreira.

(3) Virgilio *Eneida*, L.º III v. 11.

Faces caídas, cordoveas grossas
Apalpo no pescoço a mãos myrradas.
Dentes faltando vão, que ao despedir-se
Me parecem dizer: meu amiguinho,
Não careces de mim em curto espaço,
Careado me vou; releva as faltas
De a lingua te morder alguma vezes;
Accinte nunca foi: fiquem taes pechas
Por muito bons serviços, que me debes
Desde o sorrir, comer, fazer discursos
Até morder a Amor mui brandamente...

Curvo a cabeça, embandeiro em arco...

Isto é só por fóra; cá por dentro
Nem eu sei o que vae! Rangem-me os ossos,⁴
Pulsa-me o coração descompassado;
Tenho tonturas repetidas, como
Que provocadas por doença leve,
E só pesada no estirado nome
Que dizem *vertigo-estomaco-leso!*⁵
Se 'nesta citação truço de certo,
Genuina indigestão de latinorio.

Dor aqui, dor alem, desabamento
Do edificio, total, sem que as escoras
Possam conter a derrocada proxima.

Falha a memoria, a vontade é frouxa
Em sim ou não fazer; precisa estímulo
Para que a concepção a effeito leve.

Já tanto se me dá que vençam Bóers
Como se me dá que Beefs sejam,
Tão enojado de reinantes ando!

(⁴) Falta de synovia.

(⁵) De Troussot, ou de outro.

Falto de vista, lanço a barra perto;
Leio alguns livros, escrevinho nadas,
Fujo ao convívio da humana especie,
Vaidosa sempre, sempre ambiciosa,
Injusta, desleal, diffamadora,
'Numa palavra só, refalsadissima. ⁶

Eis aqui, meu amigo, em poucas phrases
O que vaé cá por casa em meu inverno,
Na final estação de minha vida,
Organismo em acção quasi a perdel-a...

Entrei, bondoso amigo, na estalagem
De Dom Francisco Manoel de Mello ⁷
Onde o passado lentamente esquece,
Onde ao presente se acostuma o homem,
E onde o futuro resignado espera.

Não me conforta o conhecido verso
Solatium est miseris, et coetera, ⁸
Antes me deixa mais entristecido.

Vida! Vida o que é? Não sabem medicos
Dizer o que ella seja; só poetas
Lindamente a definem, como aquelle
Velho assombroso, Victor Hugo, quando
Affirma ser, em mui formoso verso,
Uma flor cujo mel d'amor é feito. ⁹

Que singular phenomeno o da vida!
E quão triste é ella em si! valle de lagrimas ¹⁰

(⁶) Claro fica que a regra não perde a excepção.

(⁷) Cartas familiares.

(⁸) Verso não é; mas um aphorismo, que tambem dizem: *magnum est solatium socios habere Penates*. Deve ser derivado do episodio da Eneida: a destruição de Troia 'numa noute. Quem o derivou não sei eu.

(⁹) La vie est une fleur, l'amour en est le miel.

(¹⁰) «...gements et flentes in hac lacrimarum valle...»

De gemer e de chorar : e que outra cousa
Poderá ella ser, se 'nella entramos
A chorar, e a chorar todos saimos ? ¹¹

Como é fatal verdade o aphorismo :
Senectus est morbus podalirico,
Contra o qual não ha, não ha remedios ! ¹²

Digam ao cedro que não seque e tombe !
Digam ás aves que não morram nunca !
Digam ás feras que hajam vida sempre !
Digam aos peixes que hão de ser eternos !
Digam ao homem que não finde um dia !

Todos fenecem quantos vida sentem,
Sem que se extinga d'um ou d'outro a especie.

Pasmosa concepção d'um Ser Divino !

Assim, amigo meu, quando contemp'o
A eterna duração do humano espirito,
A immortal existencia de nossa alma,
A contínua successão da vil materia,
Faço pazes com dores, soffrimentos,

(¹¹) On entre, on crie
 Et c'est la vie,
 On crie, on sort
 Et c'est la mort.

E. Texier.

(¹²) Não é medico o aphorismo, como se me affigurou
ao escrever o verso. Não é de Hippocrates, Boerhave, ou
de outro medico; mas deduzido de Aristoteles, que no
L.º V *De Animalibus* chama á velhice *morbum naturalem*,
molestia natural.

Acceito, fatalmente, a triste ideia
De minha decadencia e fim propinquo,
E não quero mézinhas, nem remedios,
(Ou disse quando muito o *quantum satis*)¹³
Redondas utopias contra a morte,
Modus vivendi de mui muita gente.

Por lá deve ir o mesmo, meu amigo;
Achaques, mais achaques no organismo,
Afóra aquelles que nos ferem a alma;
Que desses nem é bom fallar ao menos,
Como faço dos meus, que só minoram
Entregando-os ao tempo, ao esquecimento.

Assim postas as cousas, um pedido
Muito sincero de leal amigo
Lhe deixo aqui ficar no fim da carta:

Evite matasanos, busque os braços
Da grande natureza sapientissima,
E colha alguma flor, que vá topando
Entre os abrolhos, que nos ferem tanto!
E o resto á sorte. Um abraço agora.

Torre de Sertorio, 9—2—1901.

A. F. B.

(¹³)Columella.

